

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 31

Data: 09/10/77 Pg.: _____

A tribo dos gaviões quer ser indenizada

ELIANA LUCENA
Da sucursal de BRASÍLIA

Representantes do grupo indígena Gavião, do Pará, estiveram esta semana em Brasília, para reivindicar a indenização de quatro milhões de cruzeiros da Eletronorte, pelos danos que a empresa causará em sua reserva, com a abertura de uma linha de transmissão ligando Marabá a Imperatriz. Os índios também vieram dizer à Funai que não precisam mais de um "chefe de posto" no Posto indígena Mãe Maria, mas, mesmo defendendo a autonomia do grupo, não querem ser emancipados, pois consideram ainda cedo para que percam a tutela exercida pelo governo.

Dirigindo uma camioneta "Toyota" que adquiriram com parte do dinheiro obtido da safra de castanha que colheram este ano, os Gaviões, chefiados por Kokrenum, chegaram a Brasília depois de dois dias de viagem. Pertencendo a uma tribo que há pouco mais de um decênio estava fadada à extinção, conforme previsão dos antropólogos, os Gaviões, nos últimos anos, depois de muitas guerras e perseguições, estão passando, agora, por um processo de reabilitação.

Até o ano passado, os Gaviões, assim como outros grupos do Pará, eram explorados pela Funai, que vendia a castanha de suas reservas, destinando o lucro obtido ao Departamento do Patrimônio Indígena. Com a orientação da antropóloga Iara Ferraz, os índios, já em 1976, passaram a gerir a produção e comercialização do produto, obtendo um lucro de 300 mil cruzeiros que, em 1977, chegou a atingir quase um milhão de cruzeiros.

REBELDIA

Depois que começaram a manipular sua própria renda e tomar consciência da espoliação de seu patrimônio, os Gaviões adotaram uma atitude rebelde, não aceitando mais a assistên-

cia paternalista exercida pela Funai. Kokrenum explicou, em Brasília, que os Gaviões não precisam mais de um chefe de posto em sua reserva. Eles próprios podem controlar a área indígena e os seus negócios, pois têm até conta no Banco do Brasil, em Marabá.

No primeiro semestre, quando os índios conseguiram o crédito de financiamento do Banco do Brasil, o ministro Rangel Reis do Interior, convidou Kokrenum para comemorar a obtenção do dinheiro em Brasília. O chefe Gavião se recusou a deixar a sua tribo afirmando, posteriormente, que o ministro, de forma alguma, tinha contribuído para que os índios conseguissem o financiamento.

Os índios Gaviões, atualmente, não escondem a sua grande desconfiança quanto às intenções do governo e da própria Funai em ajudá-los. Embora pertencendo a um dos poucos grupos indígenas brasileiros com terras passadas em seu nome — cedidas pelo governo do Pará, em 1965 — os Gaviões não se esquecem dos problemas que enfrentaram no passado. Ao serem contatados pela primeira vez, pelo frei Gil Gones, em 1957, não eram mais os mesmos índios que espalhavam o pânico na região de Itupiranga, Marabá e Tucuruí, defendendo as suas terras da invasão de castanheiros e garimpeiros — uma guerra de 50 anos.

Quando o missionário buscou a aproximação com o grupo arredio composto de 500 índios encurralados, os Gaviões, desde essa época liderados por Kokrenum, viram como única saída aceitar a presença protetora do missionário, para evitar que fossem dizimados.

OS PLANOS

Desde que decidiram tornar-se autônomos (um exemplo único no Brasil), os Gaviões têm buscado retomar, cada vez mais, os hábitos tradicionais da tribo, reavivando antigas cerimônias, cantos e músicas. Mesmo assim, chegaram a Brasília irritados com a notícia divulgada pela imprensa de que estavam querendo se emancipar.

"Isso não é verdade — afirmou Kokrenum. Não queremos que a Funai deixe de nos apoiar, mas acho que não é preciso mais um chefe de posto. Nós queremos uma enfermeira e uma professora, mas escolhidas pelos próprios índios".

Os Gaviões estão também atentos para evitar que a sua reserva, localizada a pouco mais de 30 quilômetros de Marabá, seja invadida. Com uma área de 50 mil hectares de floresta e uma privilegiada localização às margens da Rodovia PA-70, que liga Marabá à Belém-Brasília, estes índios já estão constatando tentativas de invasões por parte de fazendeiros, que têm sido prontamente repelidas.

Os índios vieram a Brasília especialmente para resolver o problema da indenização da Eletronorte. Inicialmente, pleitearam um milhão e meio de cruzeiros para cobrir os prejuízos que terão com a derrubada de 760 castanheiras localizadas na faixa que será desmatada. Ao todo, a linha de transmissão percorrerá 22 quilômetros dentro da reserva indígena, cobrindo uma faixa com 100 metros de largura.

Kokrenum contou, ainda, que os Gaviões estão querendo reunir, numa mesma aldeia, os dois grupos existentes na região, transferindo, ainda, a aldeia de Mãe Maria mais para dentro da reserva, pois ele considera nefasta a proximidade da estrada.

O chefe gavião fez ainda observações sobre as outras comunidades indígenas brasileiras, afirmando que, embora muitas delas já dominem bem a língua portuguesa, ainda não decidiram lutar pela sua autonomia.

"Não adianta só falar o português — afirmou Kokrenum. A gente precisa entender melhor o mundo civilizado, para não sermos explorados. Nós entendemos isso e não queremos mais que ninguém ponha a mão na nossa castanha".

Os próprios índios têm acompanhado durante a safra os preços de mercado e, por diversas vezes, foram a Marabá e até Belém, para se entenderem diretamente com os compradores do produto.